

PALLAS

ISSN: 0031-0387

82 / 2010

REVUE D'ÉTUDES ANTIQUES

Ab Aquitania in Hispaniam

*Mélanges d'histoire et d'archéologie
offerts à Pierre Sillières*



PRESSES UNIVERSITAIRES DU MIRAIL

PALLAS

REVUE D'ÉTUDES ANTIQUES

Ab Aquitania in Hispaniam

Mélanges d'archéologie et d'histoire
offerts à Pierre Sillières

Textes réunis par Pierre Moret et Christian Rico
TRACES – UMR 5608 CNRS
Université de Toulouse II

Ouvrage publié avec le concours des laboratoires
TRACES, UMR 5608, Université de Toulouse II
AUSONIUS, UMR 5607, Université de Bordeaux III

PRESSES UNIVERSITAIRES DU MIRAIL

Illustration de couverture :
Ruines de *Baelo Claudia* (*Bolonia, Tarifa*). Cl. P. Moret

Couverture : Paula Marques (PUM)

Composition : RAFFUT, 18 rue des Cosmonautes
31400 Toulouse

ISBN : 978-2-8107-0101-8
ISSN : 0031-0387

© Presses Universitaires du Mirail, 2010
Université de Toulouse-Le Mirail
5, allées Antonio-Machado
31058 Toulouse cedex 9

Tous droits de reproduction, de traduction et d'adaptation réservés pour tous pays. Toute représentation ou reproduction intégrale ou partielle faite par quelque procédé que ce soit, sans le consentement de l'auteur ou de ses ayant cause, est illicite et constitue une contrefaçon (art. 2 et suivants du Code pénal). Les copies ou reproductions destinées à une utilisation collective sont interdites.

SOMMAIRE

Avant-propos	9
Pierre ROUILLARD, De la pince au vase du banquet en passant par le magnum	13
Bibliographie des travaux de PIERRE SILLIÈRES.	17
<i>Itinéraires gallo-romains</i>	
Georges FABRE, JEAN-PIERRE BOST, Pratiques onomastiques auscitaines	29
Alain BADIE, Et au milieu coule l'Adour : la base de Gée-Rivière et le chapiteau de Corneillan (canton de Riscle, Gers)	43
Fabien COLLEONI, D' <i>Augusta Auscorum</i> à <i>Besino</i> : recherches sur une section de la voie antique <i>Burdigala-Tolosa</i>	59
Catherine PETIT-AUPERT, Quelques réflexions sur l'urbanisme de l'antique <i>Elusa</i> d'après les photographies aériennes	77
Michel PASSELAC, Construction du tracé de la voie d'Aquitaine : le segment d' <i>Eburomagus</i> à <i>Sostomagus</i>	103
Patrick LE ROUX, Sur Toulouse et les Toulousains sous l'Empire romain	121
Mélanie MAIRECOLAS, Jean-Marie PAILLER, Sur les « voies de l'étain » dans l'ancien Occident. Quelques jalons	139
<i>Itinéraires pyrénéens</i>	
Philippe LEVEAU, Josep Maria PALET MARTINEZ, Les Pyrénées romaines, la frontière, la ville et la montagne. L'apport de l'archéologie du paysage	171
SABLAYROLLES, Robert, <i>De Pyrenaeis iugis</i> : les voies des Convènes	199
M ^a Ángeles MAGALLÓN BOTAYA, Milagros NAVARRO CABALLERO, Las ciudades romanas en la zona central y occidental del Pirineo meridional veinte años después	223
José Ángel ASENSIO ESTEBAN, M ^a Ángeles MAGALLÓN BOTAYA, Fernando LÓPEZ GRACIA, Enrique N. VALLESPÍN DOMÍNGUEZ, Roberto VIRUETE ERDOZÁIN, La fortaleza andalusí de Cerro Calvario (La Puebla de Castro, Huesca): análisis de su planta y técnicas constructivas	255

Itinéraires hispaniques

Isabel RODÀ, Mertxe URTEAGA, <i>Marcus Aemilius Lepidus</i> en un ladrillo de <i>Oiasso</i> (Irún)	277
Nathalie BARRANDON, Portrait d'une cité celtibère sous domination romaine : <i>Contrebia Belaisca</i> à Botorrita (Aragon)	291

Cahier photos de p. 321 à 344

Laurent BRASSOUS, François DIDIERJEAN, De Narbonne à León, les singularités d'un trajet de l' <i>Itinéraire d'Antonin</i>	345
José María ÁLVAREZ MARTÍNEZ, De nuevo sobre el puente romano de Aljucén en la Vía de la Plata	371
José D'ENCARNAÇÃO, O miliário como documento	385
Christian RICO, Sociétés et entrepreneurs miniers italiques en Hispanie à la fin de l'époque républicaine. Une comparaison entre les districts de Carthagène et de Sierra Morena	395
Claude DOMERGUE, <i>Aquitani stantes noctibus diebusque</i> ... Pline le Naturaliste (<i>Hist. Nat.</i> , 33, 97) et l'épuisement de l'eau dans les mines d'Hispanie	417
Iván GARCÍA JIMÉNEZ, Oppida prerromanos en la orilla norte del <i>Fretum Herculeum</i> . Una revisión y propuesta de ubicación de <i>Mellaria, Bailo y Baesippo</i>	427
Pierre MORET, Jean-Marc FABRE, Iván GARCÍA JIMÉNEZ, Fernando PRADOS, Antoine CONSTANS, La Silla del Papa (Tarifa, Cádiz) : bilan de trois années de recherches	441
Manuel BENDALA GALÁN, <i>Baelo Claudia</i> y su personalidad ciudadana y urbana: Diálogo desde el estudio y la amistad	465
Armin U. STYLOW, <i>L(ocus?) xanctus</i> in Curiga (Monesterio, Badajoz)	483
Bertrand GOFFAUX, Destruction matérielle et constructions mémorielles dans le discours épigraphique des cités de l'Occident méditerranéen sous le Haut-Empire	489
Résumés	501
Index des auteurs	515

O miliário como documento

José d'ENCARNAÇÃO
Centro de Estudos Arqueológicos
das Universidades de Coimbra e Porto

1. A « escola » do Centre Pierre Paris

Insera-se a dissertação de doutoramento de Pierre Sillières¹ num deveras auspicioso conjunto de publicações que, sob orientação de Robert Étienne, viram a luz do dia no último quartel do século XX.

Criara-se o Centre Pierre Paris, na então Université de Bordeaux III, precisamente com essa finalidade de investigar exaustivamente todos os aspectos da Hispânia romana, em íntima colaboração com os investigadores dos dois países peninsulares. Primeiro, porque a quase totalidade dos investigadores do Centre haviam passado, como bolsseiros, pela Casa de Velázquez, de Madrid, e aí desenvolveram, de resto, a maior parte da investigação sobre a temática escolhida. Depois, porque, após a experiência norte-africana, designadamente em *Volubilis*², Robert Étienne criara também fortes laços com o Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, onde então pontificava João Manuel Bairrão Oleiro, cujos discípulos mais directos eram, sem dúvida, Maria Adília Moutinho de Alarcão e Jorge Alarcão.

As escavações de *Conimbriga* cimentaram esses laços, ao longo da década de 60, e Jorge Alarcão acabaria por fazer o seu doutoramento, em 1974, sobre um tema até aí pouco interessante, a cerâmica comum³.

Aliás, poderá mesmo afirmar-se que a sistemática publicação dos resultados dessas campanhas de escavação contribuíram para criar uma « escola », porquanto pela vez primeira se reflectiu seriamente acerca da forma como estudar os diferentes tipos de espólio arqueológico. Assim, o tomo dedicado às moedas⁴, mui justamente galardoado, constituiu exemplo para outras publicações acerca desse tipo de documentação; o volume sobre os

1 Sillières, 1990.

2 Recordar-se a sua publicação do *Quartier Nord-Est de Volubilis*: Étienne, 1960.

3 A versão em língua portuguesa, apresentada a provas, seria depois traduzida para francês, adaptada e integrada na série dos volumes monográficos sobre as escavações da cidade: Alarcão, 1975.

4 Pereira *et al.*, 1974.

monumentos epigráficos⁵ traçou directrizes sobre a forma de encarar a epígrafe romana no seu todo, que não apenas no texto; e a cuidadosa investigação sobre uma cerâmica *sui generis*, devido ao preciosismo do acabamento e à frequente presença de marcas de oleiro, a *terra sigillata*, foi também superiormente dada a conhecer⁶. Aliás, Françoise Mayet seria levada por essa experiência a preparar sobre o tema a sua dissertação de doutoramento⁷ e Manuela Delgado continuaria a dedicar toda a sua actividade científica ao estudo da cerâmica⁸.

Dessa « escola » nascida em torno do Centre Pierre Paris saíram, pois, repita-se, orientações bem precisas quanto ao modo de encarar a documentação arqueológica e Robert Étienne incitou os seus discípulos a optarem cada um deles por um tema específico, de forma a, no final, se ter, desde logo, uma panorâmica geral do que fora a Hispânia romana nos seus mais variados aspectos. E se Georges Fabre, depois de ter estudado a epigrafia de *Conimbriga*, preferiu rumar para a Roma republicana, deixando-se aliciar por uma questão deveras apaixonante⁹ e, ao voltar para os monumentos epigráficos, se quedou pela Catalunha, onde fez equipa com Marc Mayer e Isabel Rodà¹⁰, certo é que Alain Tranoy traçou da Galícia romana um quadro ainda hoje deveras actual¹¹; Patrick Le Roux iria debruçar-se sobre o exército como imprescindível fautor de « romanização »¹²; Jean-Gérard Gorges faria o inventário das *villae* romanas, com vista a detectar características comuns passíveis de um escalonamento no tempo e na importância socioeconómica¹³; e caberia a Pierre Sillières o já referido estudo das vias.

2. O livro de Pierre Sillières

Curiosamente, apesar da sua importância e da sua dimensão¹⁴, a publicação de Sillières não teve, por exemplo em Portugal, quem ousasse fazer a sua recensão¹⁵.

5 Etienne *et al.*, 1976.

6 Delgado *et al.*, 1975.

7 Mayet, 1984.

8 Cite-se, a título de exemplo, a mais recente publicação, como que a coroar toda a sua actividade na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho: Delgado, Morais, 2009.

9 Fabre, 1981.

10 Fabre *et al.*, 1985-2002.

11 Tranoy, 1981.

12 Le Roux, 1982.

13 Gorges, 1979.

14 904 páginas, a que se devem juntar as ilustrações (17 figuras, 24 páginas de bem esclarecedoras fotografias e um bem pormenorizado mapa de toda a Hispânia meridional das vias e aglomerados ditos 'hispano-romanos' destacável no final, à escala de 1/1 000 000).

15 Quando vemos que, no volume 34 (1995) de *Conimbriga*, p. 219-220, Jorge Alarcão se interessa pela monografia de P. Sillières sobre *Baelo Claudia. Une cité romaine de Bétique* (Madrid, 1995), sem aí fazer sequer referência – que poderia vir a talhe de foice – à sua investigação sobre as vias; e que o investigador que mais se dedicava, nessa ocasião, ao estudo das vias, Vasco Mantas, publicara (*Conimbriga*, 29, 1990, p. 178-186) extensa recensão ao livro *La red viária romana en Aragón*, de María de los Angeles Magallón Botaya, onde apenas refere dois textos sobre miliários de P. Sillières, natural seria que, após a publicação, tivesse voltado ao assunto, o que não aconteceu.

Dir-se-á que essas « vias meridionais », centradas de modo especial em torno do eixo fluvial do Guadalquivir, não entraram, afinal, Lusitânia adentro e, por isso, não terão despertado tanto a atenção. Conceda-se. Havia já também outros livros sobre vias e miliários; o tema, como escreve Robert Étienne no prefácio¹⁶, já estaria « gasto », mas o certo é que – e é o próprio Étienne quem o confessa – P. Sillières teve o condão « *de lui avoir donné une éclatante jeunesse* », nomeadamente porque, acentua, « *le rôle de la voie* » não pode ser reduzido « *à la facilité plus ou moins grande qu'elle offre à l'économie*»: a via deve ser considerada « *dans sa globalité: elle est aussi un instrument politique véhiculant l'autorité, assurant le maintien de l'ordre et transmettant les instructions du pouvoir central* ».

Já tive ensejo de, a propósito dos miliários da Geira, chamar a atenção para esse papel informativo e de propaganda que o miliário detém¹⁷. E, na verdade, o livro de Pierre Sillières foca, de modo penetrante, toda a envolvimento histórica global duma via e dos seus miliários, qualquer que ela seja.

Uma atenta vista de olhos pela *table des matières*¹⁸ mostra, de imediato, que se trata de uma obra que teria merecido, logo no seu tempo, uma divulgação mais ampla e amiudada citação em obras da especialidade. Três « livros » a compõem, à maneira do que na altura se usava para indicar as partes fundamentais em que uma obra se dividia: « *Une documentation variée mais lacunaire* », « *Des itinéraires multiples et divers* », « *De l'Archéologie à l'Histoire des voies de communication* ».

Não saberei dizer qual deles pode merecer mais atenção. Ousarei afirmar que todos. E explico: é que, por exemplo, o I livro tem capítulos onde miudamente se analisam dados fundamentais para a investigação.

Assim, começa P. Sillières por falar dos « *itinéraires routiers antiques: l'Itinéraire d'Antonin, la Cosmographie de l'Anonyme de Ravenne, les gobelets de Vicarello* ». Tem o chamado *Itinerário de Antonino* servido de base a muitas especulações no concernente a localização de cidades (falo, de modo especial, no que à Lusitânia ocidental diz respeito); recorde-se que Mário Saa o quis, mui desajeitadamente, usar no seu 'percurso' pelo Portugal romano¹⁹; Jorge de Alarcão, em todas as sínteses que redigiu sobre Portugal em tempo de Romanos, incluiu sempre um capítulo sobre as vias e se baseou nesse Itinerário²⁰; e Vasco Mantas a ele se referiu, obrigatoriamente, na sua dissertação de doutoramento (não publicada), e nas reflexões que

16 Sillières, 1990, p. 6.

17 Encarnação, 1995-1996. Salientei, por exemplo, como a paginação do texto no miliário obedecia ao eixo da via, de modo a que os termos mais significativos (nome comum do imperador, número do poder tribunicio, o topónimo, o número de milhas...) pudessem ser de imediato percebidos.

18 Sillières, 1990, p. 897-904.

19 Saa, 1956-1967.

20 Veja-se, a título de exemplo, uma das mais recentes: Alarcão 1988a, p. 89-106 [versão portuguesa de Alarcão 1988b]. Refira-se que Jorge Alarcão tem ultimamente procedido a revisões periódicas dos seus escritos, nomeadamente nos textos a que deu o título geral de « *Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia* », facilmente acessíveis em: <http://www.ipa.min-cultura.pt/pubs/RPA>

tem escrito sobre vias romanas²¹. Aliás, nessa dissertação, também dedica um capítulo aos itinerários viários²², referindo-se expressamente aos dados do Itinerário²³.

Vem, depois, um minucioso capítulo sobre os miliários²⁴: as dificuldades de uma pesquisa, atendendo, de modo especial, às dificuldades de reconstituição dos textos; a sua distribuição geográfica; os caracteres externos; os textos; o comprimento da milha (« Não houve uma milha ibérica »!²⁵); para terminar apresentando o catálogo dos miliários e doutras inscrições relacionáveis com as vias no quadro da Hispânia meridional.

A literatura greco-latina, os documentos medievais e modernos, a toponímia e os vestígios arqueológicos (calçadas e as sempre problemáticas pontes...) são outro dos temas abordados por Sillières como fontes para o estudo das vias de comunicação.

E se o livro II se debruça especificamente sobre o resultado da investigação no terreno, explicitando os múltiplos e diversos itinerários passíveis de determinar, não há dúvida que é o livro III que marca a diferença, pois aí se faz toda uma integração dos dados arqueológicos e epigráficos na história: que importância houve para a economia e, de um modo mais genérico, para o que se tem designado por « romanização »: a manutenção da ordem, a transmissão das notícias... porque, no fundo, e importa salientá-lo, a estrada insere-se em toda uma « paisagem cultural ».

É, pois, desse prisma que deve ser atentamente relido o livro de Pierre Sillières, por ser o resultado de profunda reflexão e deter elementos potenciadores de uma reflexão ainda maior.

3. Duas reflexões

Permita-se-me, pois, que realce dois aspectos que, na circunstância, se me afiguram relevantes: chamarei ao primeiro a « didáctica do miliário » e ao segundo a « inesperada complementaridade das fontes ».

Diria que o referido capítulo II sobre o miliário como documento histórico é deveras eloquente e quase ousaria dizer que mereceria voltar a ser publicado em volume autónomo, como forma de divulgação de um tipo de monumento antepassado dos actuais painéis digitais que povoam as nossas auto-estradas ou os simples marcos quilométricos, que tendem a desaparecer e merecem ser preservados.

Patrizia Basso fê-lo, não há muito, em relação à Itália²⁶, em jeito de volume de bolso, de linguagem acessível, para mostrar que as vias romanas devem ser alvo de investigação histórica (« raccontare le strade »), de observação, de estudo e de valorização.

Importa, na verdade, mostrar como uma aturada pesquisa histórico-científica pode estar, afinal, muito mais perto da nossa realidade quotidiana.

21 Citem-se, entre outros, Mantas, 1990, 2000, 2004, 2005a e 2005b.

22 Mantas, 1996, p. 191-224.

23 Mantas, p. 195-213.

24 Sillières, 1990, p. 41-173.

25 Sillières, p. 61.

26 Basso, 2007.

No que respeita à complementaridade das fontes, indico três exemplos que vão no sentido de mostrar que, se uma das informações dos miliários é a da toponímia,²⁷ cada vez mais essa informação está a ser colhida também onde menos se esperaria encontrá-la.

Assim, no termo de Arronches – integrado, mui provavelmente, durante a época romana, no *conventus Emeritensis*, pois se situa no Nordeste alentejano –, foi encontrada uma inscrição votiva (fig. 1), em língua dita « lusitana », pela sua afinidade com o que se conhece de textos idênticos²⁸, em que a três das divindades indígenas aí veneradas, já conhecidas doutras epígrafes – *Bandi*, *Reve* e *Munidi*²⁹ –, vêm identificadas com um epíteto, que assume grafias diversas, mas que, a exemplo do que noutros casos idênticos acontece, está mui provavelmente ligado com o topónimo local. Na circunstância, as formas são *Aharacui*, *Haracui*, *Harase*. E é grande, portanto, a tentação de ver nelas o ‘antepassado’ etimológico do actual Arronches.

Não vem no *Itinerário de Antonino* nenhum topónimo aproximável deste. Jorge de Alarcão apenas refere que *Matusaro* poderia ficar « nas proximidades de Arronches »³⁰. Mas, linguisticamente, *Matusaro* fica muito ‘longe’ dos referidos epítetos. E, por outro lado, a via a passar por ali não seria oficial nem de primeira categoria, pois a nossa ideia é de que a inscrição foi colocada por pastores, em tempo de pausa, no decurso da transumância – e as rotas dos gados são bem distintas das rotas dos agentes imperiais...

Em todo o caso, o que pretendo assinalar é esta possível inter-relação entre textos epigráficos de diferente teor mas que podem complementar-se. E isso se verifica, de modo especial, no concernente a uma cidade, ela sim, seguramente, capital de *civitas*, como todos os investigadores têm assinalado, o aglomerado urbano que precedeu a actual cidade de Viseu, bem no coração da Lusitânia ocidental³¹, grande ponto de irradiação viária, na época romana, vias de que ainda hoje restam notáveis trechos³². Nos inúmeros miliários que dessas vias nos restam, nenhum, até ao momento, menciona a *caput viae* a partir da qual se procedia à contagem e daí que diversas tenham sido as sugestões para a função político-administrativa exercida pela cidade, sem que, no entanto, se tivesse sugerido o nome romano que tivera.

Ora, os investigadores habitualmente em campo na cidade tiveram a dita de, em Janeiro deste ano de 2009, encontrar o que eu considero o seu altar fundacional, pois que o aspecto imponente do fóculo (fig. 2) mostra que foi mesmo utilizado para sacrificar à divindade protectora da cidade³³.

O texto, que se lê claramente, diz o seguinte:

27 Pierre Sillières escreve – e muito bem – que a toponímia actual pode ser eloquente pista para se descortinar o traçado de vias (1990, p. 211-226); mas, por indicar a distância até determinada cidade, também o miliário é fonte para a identificação de topónimos.

28 Cf. Encarnação *et al.*, 2008; Prósper, Villar, 2009.

29 Citam-se os teónimos em dativo, por se desconhecer qual será exactamente a sua terminação em nominativo.

30 Alarcão, 1988a, p. 100.

31 Jorge de Alarcão afirmou que « Viseu terá sido a capital dos Interannienses » (1988a, p. 27).

32 Cf., por exemplo, Vaz, 1997, p. 371-402.

33 Vide Fernandes *et al.*, 2008.

DEIBA BOR/IGO / DEIBO BOR / VISSAIEIGO / BOR / ALBINVS / CHAEREAE
/ F / V S L M

Ainda que se trate de uma notícia preliminar a que vem citada em nota, ficamos a saber que os editores se inclinam para « admitir uma invocação a *Diis Deabusque*, associada ao epíteto *Borigus/Boricus* (relativo a « monte »?) e ao *genius loci* (*Vissaieigus*) », considerando-se *Deibal/Deibo* « flexões características das línguas locais », podendo, pois, identificar-se em *Vissaieigus* « o nome pré-romano de Viseu », que apenas se conhecia com o grafia *Viseo* em documento do século VI³⁴.

Concordo, em parte, com a opinião expandida, mormente quando se afirma que *Vissaieigus* é um epíteto – de carácter adjectival, portanto – formado a partir do topónimo de que a divindade era protectora e que poderá conjecturar-se ter sido *Vissaium*. Já não se me afigura correcto falar em plural, pois que, a meu ver, se trata de uma divindade apenas, venerada no seu ‘pendor’ masculino e feminino, dado que os deuses não têm sexo³⁵.

E se, em ambos os casos, foi a epigrafia votiva que veio ao encontro da epigrafia viária, trazendo luz sobre a toponímia, no caso de Alter do Chão (norte do Alentejo, do *conventus Emeritensis*, provavelmente também) ocorreu uma circunstância feliz. É que, no decorrer dos trabalhos arqueológicos levados a efeito, neste Verão de 2009, na Estação Arqueológica de Alter do Chão, foi descoberto um *imbrex* com grafito, que identifica Alter do Chão com *Abelterium*! Exactamente. Uma das cidades mencionadas no *Itinerário de Antonino*, que amiúde – mas sem provas – era, de facto, identificada com Alter do Chão. Assim, Jorge Alarcão, depois de ter hesitado na identificação de *Abelterium* com Alter do Chão³⁶, devido à escassez dos vestígios arqueológicos, na edição desse mesmo livro em 1983 já escreve: « *Abelterium* ficava perto de Alter do Chão ou coincidia mesmo com esta localidade »³⁷; em 1988, escreve « *Abelterium* (Alter do Chão) » sem mais³⁸; e, em 1990, afirma categoricamente « Alter do Chão corresponde à antiga *Abelterium* »³⁹ e lança mesmo a hipótese de ter existido « uma *civitas* com sede em Alter do Chão »⁴⁰. O mais extraordinário é que a confirmação dessa identificação vem nesse grafito, onde se lê (fig. 3):

VIIRNA / CVLVS / FECIT / IMBRICIIS / ⁵ AB[II]LTIRIO / AD CASTOREM / (*duo milia*) / (*mille*) / DCCCCL (*quinquaginta et nongenti*) / ¹⁰ DCCC (*octingenti*)

Para além do interesse de o artesão (*Vernaculus*) ir anotando a contagem, note-se o requinte de assinalar que o fez em *Abeltirium, ad Castorem*, ou seja, na oficina de Castor⁴¹. Que melhor testemunho se haveria de requerer?

34 *Ibid.*, p. 188.

35 Cf. Encarnação, 2002, texto que inseri também em Encarnação, 2006, p. 133-144.

36 Alarcão, 1974, p. 74.

37 Alarcão, 1983, p. 81.

38 Alarcão, 1988a, p. 51.

39 Alarcão, 1990, p. 363.

40 *Ibid.*, p. 364.

41 Está em vias de publicação o estudo preliminar do grafito, da autoria de Jorge António e José d'Encarnação, intitulado: « Grafito identifica Alter do Chão como *Abelterium* ».

Em suma:

A enorme riqueza documental que ainda hoje representa a dissertação de Pierre Sillières, nomeadamente a sua forma de encarar os miliários, as inscrições viárias e os vestígios arqueológicos relacionáveis com os itinerários romanos como relevantes documentos históricos, deu-nos azo – e que nos seja permitida tal ousadia – a recordar como, no Centre Pierre Paris, se formou uma escola pioneira no que hoje é vulgarmente admitido e considerado, até, banal: a interdisciplinaridade.

Ensinaram-nos ali que uma epígrafe vale por si, como texto, é certo; mas, se apenas a considerarmos isoladamente, muito do seu valor documental se esvai. Assim, a fraseologia mais ou menos estereotipada do miliário. Interessa decifrá-la; contudo, mais importante do que isso é integrá-la em todas as componentes que esse singelo letreiro pressupõe.

Bibliografia

- ALARCÃO, J. de, 1974, *Portugal romano*, Lisboa.
- ALARCÃO, J. de, 1975, *Fouilles de Conimbriga, V – La céramique commune locale et régionale*, Paris.
- ALARCÃO, J. de, 1983, *Portugal romano*, 3ª edição, Lisboa.
- ALARCÃO, J. de, 1988a, *O domínio romano em Portugal*, Mem Martins, Lisboa.
- ALARCÃO, J. de, 1988b, *Roman Portugal*, Aris & Philips, Warminster.
- ALARCÃO, J. de, 1990, *Nova História de Portugal, I: Portugal das origens à romanização*, Lisboa.
- BASSO, P., 2007, *Strade Romane: Storia e Archeologia*, Carocci editore, Roma.
- DELGADO, M., MAYET, F. e ALARCÃO, A. M. de, 1975, *Fouilles de Conimbriga, IV – Les Sigillées*, Paris.
- DELGADO, M. e MORAIS, R., 2009, *Guia de cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*, Universidade do Minho.
- ENCARNAÇÃO, J. d', 1995-1996, Miliários da Geira: informação e propaganda, *Cadernos de Arqueologia*, 12-13, p. 39-43.
- ENCARNAÇÃO, J. d', 2002, O sexo dos deuses romanos, in A. Alonso e S. Crespo (ed.), *Scripta Antiqua: in honorem A. Montenegro et J. M. Blázquez*, Valladolid, p. 517-525.
- ENCARNAÇÃO, J. d', 2006, *Epigrafia – As pedras que falam*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- ENCARNAÇÃO, J. d', OLIVEIRA, J., TEIXEIRA, C. e CARNEIRO, A., 2008, Inscrição votiva em língua lusitana (Arronches, Portalegre), *Conimbriga*, 47, p. 85-102.
- ÉTIENNE, R., 1960, *Le quartier Nord-Est de Volubilis*, Paris.
- ÉTIENNE, R., FABRE, G., LÉVÊQUE, M. e LÉVÊQUE, P., 1976, *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*, Paris.
- FABRE, G., 1981, *Libertus – Recherches sur les rapports patron-affranchi à la fin de la République Romaine*, Rome.
- FABRE, G., MAYER, M. e RODÀ, I., 1985-2002, *Inscriptions romaines de Catalogne*, I-V, Paris.
- FERNANDES, L. S., CARVALHO, P. S. e FIGUEIRA, N., 2008, Uma nova ara votiva de Viseu (Beira Alta, Portugal), *Sylloge epigraphica Barcinonensis*, 6, p. 185-189.

- GORGES, J.-G., 1979, *Les villas hispano-romaines. Inventaire et problématiques archéologiques*, Paris.
- LE ROUX, P., 1982, *L'Armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*, Paris.
- MANTAS, V., 1990, A rede viária do convento escalabitano, in *La red viaria en la Hispania romana*, Saragoça, p. 219-239.
- MANTAS, V., 1996, *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*, Coimbra, 2 vol. (dissertação de doutoramento policopiada).
- MANTAS, V., 2000, A via romana Bracara Augusta-Cale: traçado, funções e influência no povoamento regional, *Revista de Guimarães*, 110, p. 53-87.
- MANTAS, V., 2004, A rede viária romana do território português, in J. Medina (dir.), *História de Portugal*, II, Amadora, p. 438-469.
- MANTAS, V., 2005a, Vias e portos na Lusitânia romana, in *V Mesa redonda sobre Lusitania romana: Las comunicaciones*, Madrid, p. 427-453.
- MANTAS, V., 2005b, As vias de comunicação na Europa romana, in *A Génese da Ideia de Europa*, III, *O Mundo Romano*, Coimbra, p. 69-102.
- MAYET, F., 1984, *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*, Paris.
- PEREIRA, I., BOST, J.-P. e HIERNARD, J., 1974, *Fouilles de Conimbriga, III – Les Monnaies*, Paris.
- PRÓSPER, B. M. e VILLAR, F., 2009, Nueva inscripción lusitana procedente de Portalegre, *Emerita*, 77/1, p. 1-32.
- SAA, M., 1956-1967, *As Grandes Vias da Lusitânia (O Itinerário de Antonino Pio)*, Lisboa, I (1956), II (1959), III (1960), IV (1963), V (1964) e VI (1967).
- SILLIÈRES, P., 1990, *Les voies de communication de l'Hispanie méridionale*, Paris.
- TRANOY, A., 1981, *La Galice Romaine*, Paris.
- VAZ, J. L. I., 1997, *A civitas de Viseu – Espaço e Sociedade*, Coimbra.

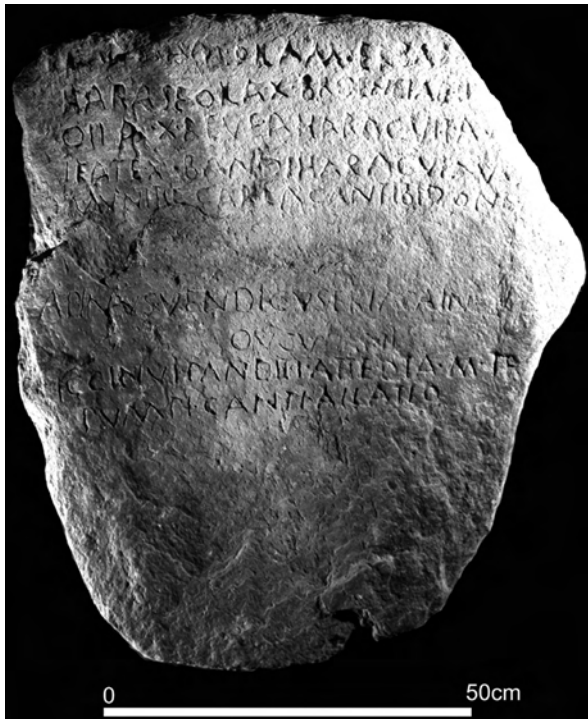


Fig. 1. Inscription votive d'Arronches.



Fig. 2. Autel votif de Viseu (Photo Arqueohoje).

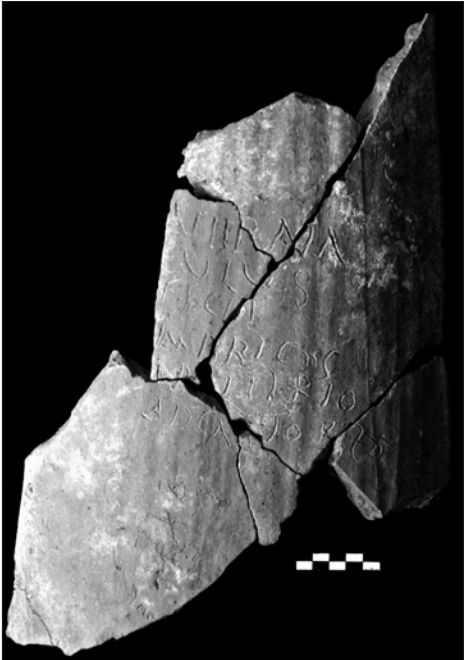


Fig. 3. Imbrex d'Abelterium (Photo Jorge António).